

# O ENSINO NO CONTEXTO DA COVID-19: UM ESTUDO QUALI-QUANTITATIVO SOBRE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS UTILIZADAS POR ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

## TEACHING IN THE CONTEXT OF COVID-19: A QUALITATIVE AND QUANTITATIVE STUDY ON THE DIGITAL TECHNOLOGIES USED BY STUDENTS AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF TOCANTINS

Bruna de Oliveira **1**  
Suiá Omim Arruda de Castro Chaves **2**  
Thainá Nunes Pires Santana **3**

**Resumo:** O isolamento social decorrente da pandemia da Covid-19 intensificou o uso e a comunicação por meio de tecnologias digitais. Na educação, as aulas presenciais foram suspensas, o que abriu caminho para a implementação de novas práticas de ensino. Diante desse contexto, o presente estudo buscou, através de uma abordagem quali-quantitativa, avaliar as condições de acesso e a qualidade da internet, assim como das tecnologias digitais utilizadas por estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins (UFT) para um possível retorno das atividades acadêmicas. Participaram da pesquisa 95% dos discentes matriculados no curso. Os resultados revelam que dificuldades econômicas, de saúde física e mental, institucionais e outras são impasses à implantação de um ensino remoto inclusivo.

**Palavras-chave:** Tecnologias Digitais. Ensino Remoto. Covid-19.

**Abstract:** The social isolation resulting from the Covid-19 pandemic has intensified use and communication through digital technologies. In education, face-to-face classes were suspended, which paved the way for the implementation of new teaching practices. In this context, this study sought, through a qualitative and quantitative approach, to assess the conditions of access and the quality of the internet, as well as the digital technologies used by students of the Social Sciences course at the Federal University of Tocantins (UFT) to a possible return from academic activities. 95% of the students enrolled in the course participated in the research. The results reveal that economic, physical and mental health, institutional and other difficulties are obstacles to the implementation of inclusive remote education.

**Keywords:** Digital Technologies. Remote Teaching. Covid-19.

Mestra em Desenvolvimento Regional e bacharela em Economia. **1**  
Professora da Universidade Federal do Tocantins.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7012932730072351>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9091-9974>.  
E-mail: [brunadeoliveira@uft.edu.br](mailto:brunadeoliveira@uft.edu.br)

Doutora em Sociologia e Antropologia. Professora da Universidade **2**  
Federal do Tocantins.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1410170119027103>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6705-5813>.  
E-mail: [suiaomim@uft.edu.br](mailto:suiaomim@uft.edu.br)

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do **3**  
Tocantins.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5902848917436710>.  
E-mail: [thaina\\_514@hotmail.com](mailto:thaina_514@hotmail.com)

## Introdução

As tecnologias digitais há tempos se tornaram objeto de grande interesse sociológico, filosófico, antropológico e artístico, justamente, por terem produzido uma revolução dos costumes, dos modos de interação social, dos processos de produção e circulação das informações. Para Lévy (1999), a internet consolida transformações profundas que inauguram as “ciberculturas”.

Diante de um cenário de crise na saúde mundial, desencadeado pela “Covid-19”, o uso das tecnologias para a comunicação entre as pessoas tem se intensificado.

Considerada por estudiosos como a tragédia do início do século XXI, a Covid-19 é uma doença que avança mais rapidamente do que as descobertas científicas, causando abruptas mudanças na vida pessoal, profissional e social das pessoas.

As recomendações de distanciamento social da Organização Mundial da Saúde e institutos de pesquisa, impuseram aos governantes complexos desafios. Especificamente para a educação, foram definidas medidas de suspensão das aulas presenciais, desde a educação básica à educação superior.

A Universidade Federal do Tocantins (UFT) seguiu as normativas do Ministério da Educação/ MEC e em 18 de março de 2020 estabeleceu a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais. No entanto, em 30 de março de 2020 o Conselho Universitário deliberou pela suspensão do Calendário Acadêmico dos cursos presenciais de graduação. A decisão foi justificada pela dificuldade enfrentada por estudantes em realizar o acesso virtual, assim como a falta de capacidade técnica da instituição para o ensino à distância.

Diante de um quadro pandêmico de expansão da doença e baseado nas previsões dos especialistas em saúde pública, em 17 de junho de 2020 o Ministério da Educação autorizou que as universidades federais realizem aulas à distância até 31 de dezembro de 2020 (BRASIL, 2020).

A partir dessa nova realidade, a UFT passou a discutir com a comunidade acadêmica (docentes, discentes e técnico-administrativos) as possibilidades de retorno às aulas, com propostas de ensino alternativas. O fato é que, como afirma Demo (2020), a educação está seguindo um caminho sem volta, em que as ferramentas digitais estão presentes, ou seja, em algum momento a comunidade acadêmica terá que ressignificar suas ações.

Para que essa mudança aconteça é preciso analisar as realidades institucionais, diagnosticar os pontos fracos e buscar soluções para torná-los fortes. No caso específico do curso de bacharelado em Ciências Sociais da UFT, um estudo realizado por Oliveira, Guimarães e Santana (2019) apontou que as características predominantes são estudantes que trabalham durante o dia e estudam à noite, possuem baixas condições socioeconômicas, apresentam deficiências na formação escolar anterior e não conseguem se dedicar exclusivamente aos estudos.

Essas condições de vida dos estudantes sinalizam entraves que podem levar ao insucesso na implementação de um modelo de ensino mediado por novas tecnologias. Este é o plano de fundo desta pesquisa, que se propôs a levantar informações sobre as condições do acesso à internet e a qualidade dos recursos tecnológicos utilizados pelos discentes do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins, durante a pandemia da Covid-19.

Nesse sentido, buscou-se responder às seguintes questões: os estudantes que cursam Ciências Sociais na UFT possuem condições adequadas para um novo modelo de ensino? Quais são os desafios para que a universidade consiga implementar um modelo de ensino que favoreça o ensino e a aprendizagem dentro de uma comunidade acadêmica multicultural?

O motivo da delimitação da pesquisa ao curso de Ciências Sociais justifica-se pelas inquietações das pesquisadoras enquanto professoras e discente do curso, que possuem proximidade com o objeto de estudo e ansiavam por compreender e aprofundar as narrativas e discursos dos discentes sobre como estão lidando ou mesmo enfrentando obstáculos durante a pandemia. Espera-se que as informações coletadas ofereçam o embasamento científico para orientar as decisões do colegiado do curso e da universidade neste momento de mudanças estruturais e inovação pedagógica.

## A pandemia da Covid-19 e seus reflexos sobre a educação no Brasil

O cenário da Covid-19 tem acelerado o uso das novas tecnologias para além da comunicação entre pessoas. A situação vivenciada pelo mundo impôs o isolamento social levando a uma interrupção abrupta das aulas presenciais. A impossibilidade de professores e estudantes estarem

reunidos, presencialmente, para o aprendizado, abriu caminho para investigar novas metodologias de ensino.

Perante um cenário de incertezas, em que não se sabe quando as aulas presenciais poderão ser retomadas, a educação, em todos os seus níveis de ensino, tem buscado se adaptar. As soluções encontradas têm algo em comum: a utilização das tecnologias no aprendizado.

Ao se referir à Covid-19 e seus reflexos sobre a Educação no Brasil, Demo (2020) afirmar que “Nada é tão ruim que não tenha algo bom”. Para o autor, a pandemia está dando visibilidade a uma demanda que já existia: a inovação da educação, através da inserção de recursos tecnológicos como o computador, o celular e o *tablet*, ligados a uma rede.

Estamos acostumados ao modelo de ensino presencial, pois é o predominante. Tendemos a acreditar que a sala de aula enquanto um espaço físico de interação entre professor e aluno é onde se aprende e desenvolve habilidades. A pergunta que se coloca é a seguinte: Será que só há aprendizagem quando o professor e aluno estão presentes no mesmo lugar, ao mesmo tempo?

Moran (2017) defende que existem diversas maneiras de se ensinar e aprender. A educação precisa romper com o paradigma tradicional e ser mais flexível. Para o professor, o ensino no Brasil precisa se modernizar, migrando para novos modelos pedagógicos. E, nesse sentido, a pandemia da Covid-19 é uma oportunidade para que escolas e Instituições de Ensino Superior experimentem inovar.

Wrubel *et al* (2017) afirmam que o computador, o celular, a internet e outras tecnologias têm se tornado cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas, por isso é esperado que adentre também às práticas de ensino. Demo (2020) acredita que a inserção das novas tecnologias no processo de aprendizagem é uma tendência. Por exigir profundas mudanças, impõe desafios a professores, alunos e gestores.

Mas, afinal, quais modalidades se colocam como possibilidade para a retomada do ensino nas escolas e Instituições de Ensino Superior?

## Do ensino presencial ao Ensino Remoto Emergencial

O ensino presencial é aquele que se desenvolve num ambiente físico, onde professores e alunos se reúnem diariamente para aulas, atividades e avaliações. A principal característica dessa modalidade é o contato direto entre professor e aluno. Esse modelo de ensino, definido por Bacich (2020) como “aula de um para muitos”, está alicerçado em relações hierarquizadas, em que o professor está no centro do processo.

A impossibilidade da prática do ensino presencial abriu caminho para a implementação de novas práticas de ensino, como o ensino remoto. O chamado “ensino remoto”, em que a comunicação entre professor e aluno é mediada por tecnologias, foi a solução emergencial adotada por escolas e Instituições de Ensino Superior para não aglomerar os estudantes. Essa prática não é considerada pela literatura acadêmica como Ensino à Distância (EaD). Por isso, estudiosos como Holges *et al* (2020) denominaram as atuais práticas de Ensino Remoto Emergencial (ERE).

O Ensino Remoto Emergencial é uma alternativa temporária para a continuidade do processo de ensino-aprendizagem de forma segura para todos e uma estratégia de manter os alunos vinculados à instituição. Tomazinho (2020) defende que essa modalidade surgiu para atender a um momento excepcional, que está impedindo professores e alunos da convivência presencial.

É importante ressaltar que professores, alunos e gestores não estavam preparados para mudar suas práticas tão rapidamente. O ensino remoto é novidade. A maioria dos professores não foram treinados para ensinar de modo *online* ou através de ferramentas virtuais. Os currículos não foram elaborados para o ensino remoto, por isso estão sendo planejados novamente e sendo colocados em prática ao mesmo tempo (TOMAZINHO, 2020).

As estratégias do ensino remoto têm limitações e sinalizam para muitos desafios. Inserir as tecnologias de modo a favorecer o ensino e a aprendizagem de todos os estudantes, de maneira igual, não se limita a oferecer um computador ou *tablet* com acesso à internet e assim garantir a inclusão digital. É preciso refletir sobre as condições vivenciadas por professores e alunos.

Para Demo (2009), a maioria dos professores brasileiros receberam uma formação presencial e estão acostumados a dar aulas presenciais. Introduzir uma modalidade diferente exige reformular as aulas e repensar a interação com os alunos. Para muitos a adaptação ao ensino remoto será

difícil. Por isso é importante discutir o papel que o professor assumirá nas aulas remotas e prepará-lo para uma prática virtual docente confortável.

Também é preciso olhar para os alunos, que apesar de familiarizados com as novas tecnologias, estudaram praticamente a vida toda guiados pelo modelo presencial. O ensino remoto exige que os alunos saiam de uma posição passiva e assumam uma posição ativa. Além disso, requer autodisciplina e organização do tempo. Essas mudanças tendem a deixá-los desconfortáveis e inseguros. Isso reflete na adaptação, na participação, enfim, na dificuldade do aprendizado.

Outras questões se colocam como relevantes são o impacto psicológico desta mudança na relação ensino-aprendizagem, as condições dos domicílios tanto de professores como de alunos, a evasão, dentre outras. Franco Berardi (2020) define o momento que estamos vivenciando como um “colapso respiratório” ou uma “dupla crise respiratória mundial”:

A primeira é a pandemia de **Covid-19**: um colapso do organismo social planetário, provocado pela **asfixia hipercapitalista**. A segunda é a agressão violenta contra as condições de vida da população, sobretudo dos jovens: o estrangulamento metafórico e verdadeiro. Esta agressão está desencadeando uma revolta dos negros norte-americanos, junto com os latinos, os migrantes e os brancos precários. [...] Quando digo que se trata de uma crise respiratória, não é em sentido metafórico. A **poluição do ar nas metrópoles** e a ansiedade da precariedade, literalmente, fragilizaram o organismo dos seres vivos, que respiram” (BERARDI, 2020).

Neste cenário de quarentena em plena “asfixia hipercapitalista”, o autor demonstra que estamos operando um deslocamento de um nexos moderno de “expansão” para um horizonte, incontornável, de “extinção”, e, assim, nos alerta da importância de sabermos respirar em outro ritmo para sobreviver, “um ritmo que sabe da extinção” (BERARDI, 2020).

Seguindo esta concepção, tendemos a concordar com Hook (2015) que a educação pública superior de qualidade também precisa aprender a respirar em outro ritmo, que se torne possível respirar em um mundo enormemente colapsado, no caos. A autora oferece uma chave importante para construir uma “educação como prática de liberdade” quando afirma a importância do “entusiasmo” na sala de aula e “nunca tédio”.

## **Tendências futuras: o ensino híbrido**

Um olhar para o futuro nos leva a refletir sobre as seguintes questões: como as experiências do ensino remoto influenciarão o ensino nos próximos anos? É possível que novos modelos pedagógicos sejam implementados?

O professor e pesquisador Pedro Demo (2009), defensor do uso das novas tecnologias na educação, acredita que, com a Covid-19 novas práticas que já eram estudadas antes mesmo da pandemia, serão introduzidas. Segundo o professor, estamos percorrendo um caminho sem volta, onde as tecnologias farão parte das aulas.

Diferente da modalidade presencial, em que o professor está no comando e os estudantes tendem a assumir uma posição passiva (expectador), a aprendizagem mediada pelas tecnologias requer que o estudante assumam posição ativa (protagonista), no sentido de conduzir seu próprio aprendizado (BACICH, 2020).

O mundo virtual amplia o horizonte de aprendizagem, pois oferece textos, vídeos, imagens, dados, simulações, notícias, pesquisas, dentre outros recursos que instigam novas descobertas e que dificilmente o professor consegue levar para uma aula presencial.

Cada estudante tem suas habilidades e experiências de vida. E o mundo virtual oferece possibilidades distintas, que permitem ao estudante caminhar na direção que ofereça respostas aos seus questionamentos. Isso aflora a identidade e criatividade e estimula a autonomia do estudante.

No entanto, trilhar esse novo caminho perpassa por mudanças. E nem todos tem condições

e/ou estão dispostos a mudar. Demo (2009) reconhece que continuar reproduzindo o modelo de aulas presenciais instrucionistas, em que a aprendizagem acontece por meio da assimilação e repetição de informações, seguidas de procedimentos avaliativos é a via que não exige esforço.

Mesmo considerando as resistências, Demo (2020) acredita que, no futuro, as aulas serão híbridas, ou seja, mescladas/misturadas. A concepção de ensino híbrido não é recente. Christensen, Horn e Staker (2013) definem o ensino híbrido como:

[...] um programa de educação formal no qual um aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, lugar, modo e/ou ritmo do estudo, e pelo menos em parte em uma localidade física supervisionada, fora de sua residência (CHRISTENSEN, HORN, STAKER, 2013, p.7).

Para Moran (2017), existem várias maneiras de se aprender e o ensino híbrido é uma possibilidade que mescla aulas presenciais e remotas. Para o professor e pesquisador, a aprendizagem híbrida é flexível, mistura espaços, atividades, técnicas e tecnologias que são fundamentais para que o estudante se envolva, participe e reflita.

O ensino híbrido se coloca como uma solução atual e futura para que escolas e Instituições de Ensino Superior deem continuidade às suas atividades de ensino durante o período de tantas mudanças e incertezas gerado pela Covid-19. No entanto, Demo (2020) acredita que o ensino “misturado”, no pós-pandemia, tende a ficar. Como sugere Tomazinho (2020), a transformação da educação, no sentido da inovação, pode ser o grande legado da pandemia da Covid-19.

## Metodologia

Buscando atender a proposta de levantar informações junto aos discentes do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFT, esta é uma pesquisa social integrada, que emprega as abordagens quantitativa e qualitativa.

A pesquisa quantitativa oferece a oportunidade de generalizar os resultados, enquanto a pesquisa qualitativa proporciona profundidade aos dados. Embora sigam caminhos diferentes, não são metodologias incompatíveis. Pelo contrário, Babbie (2003) sugere que trabalhar as abordagens de modo complementar melhora o entendimento de um fenômeno social.

Para tanto, o estudo dividiu-se em três grandes etapas.

A primeira consistiu em sensibilizar os discentes para a importância de participarem da pesquisa. Acreditamos que quando os indivíduos constatam que são parte da investigação e suas opiniões podem diagnosticar problemas e/ou ser o caminho para a busca de soluções, aumenta-se o envolvimento e a participação.

Nessa primeira fase, a comunidade discente do curso foi mobilizada a participar. Através de um cartaz convite, divulgado por meios de comunicação digital como *e-mails*, mensagens de *whats app* e redes sociais, os estudantes foram estimulados a apresentar suas experiências individuais.

A segunda parte da investigação baseou-se numa pesquisa *survey*<sup>1</sup>, onde foram coletados dados e informações junto a uma amostra de discentes do curso.

O instrumento de coleta dos dados utilizado foi o questionário estruturado, composto por 8 perguntas de múltipla escolha, onde os participantes puderam escolher entre uma ou mais opções de uma lista de respostas e 3 perguntas abertas, pelas quais os discentes opinaram sobre as dificuldades e expectativas durante a pandemia da Covid-19. O questionário foi orientado principalmente pela preocupação de não ser extenso, de modo a encorajar os alunos a responderem facilmente.

A aplicação do questionário intitulado “Perfil Digital dos estudantes de Ciências Sociais (UFT) durante a pandemia da Covid-19” foi realizada entre os dias 22 de maio e 11 junho de 2020, por meio de ligações telefônicas, mensagens de *whats app* e redes sociais (*Facebook* e *Instagram*).

<sup>1</sup> É um tipo de pesquisa social empírica aquela que se destina a explorar, descrever ou explicar determinados fenômenos por meio de questionários ou entrevistas que levantem as opiniões de um grupo de pessoas.

Devido à desatualização de diversos contatos dos estudantes, estabeleceu-se uma “cadeia de informantes” (PENROD *et al*, 2003) para conseguir os números telefônicos atuais de alguns discentes com seus colegas e em alguns casos com familiares.

De um total de 85 discentes matriculados conseguiu-se a participação de 81 estudantes. Essa amostra, correspondente a 95% do universo, é bastante representativa, tornando as generalizações confiáveis.

A terceira e última etapa da pesquisa buscou, por meio dos fundamentos da análise qualitativa, preencher a fragilidade causada pela objetividade e o distanciamento entre pesquisador-participante, típicos da abordagem quantitativa.

Apesar de se guiar por um roteiro de perguntas, optou-se por estimular os discentes a manifestarem suas particularidades, pontos de vista, emoções, vivências e outros aspectos subjetivos, trazendo novas percepções sobre a realidade.

Os resultados são apresentados na sequência.

## Resultados e Discussões

A sensibilização dos discentes para a participação da pesquisa “Perfil Digital” iniciou-se com a criação e divulgação do cartaz, apresentado na figura 1. Não foi possível mensurar a quantidade de pessoas que visualizaram o convite, no entanto, acredita-se que a informação tenha chegado a uma parcela expressiva do público alvo, devido aos compartilhamentos em mídias digitais<sup>2</sup>.

Figura 1. Convite aos discentes.



Elaboração: As autoras, 2020.

Após a etapa de divulgação, partiu-se para a aplicação do questionário e interpretação quantitativa dos dados. Cabe ressaltar que apesar da participação de 81 estudantes, alguns optaram por não responder certas perguntas. Como consequência, o total de respostas válidas varia conforme a questão.

É importante salientar que a pesquisa alcançou 91% do alunado, sendo que não se conseguiu contato com os outros 9%. Muito embora estes não tenham sido alcançados é pertinente colocar em reflexão quais empecilhos contribuíram para isso e, posteriormente, como esses estudantes iriam realizar as atividades acadêmicas caso a universidade decida retomar as aulas pelo modo remoto. É importante frisar que a educação é um direito de todos, a qual deve ser de qualidade, acessível e inclusiva.

A primeira pergunta do questionário teve a intenção de saber qual recurso o estudante tem utilizado durante a pandemia para se comunicar com as pessoas. Por se tratar de uma pergunta aberta, observou-se diversas interpretações. No entanto, foi possível reunir as respostas em dois grupos.

2 Mídia digital = qualquer equipamento que utilize a internet para troca de informações.

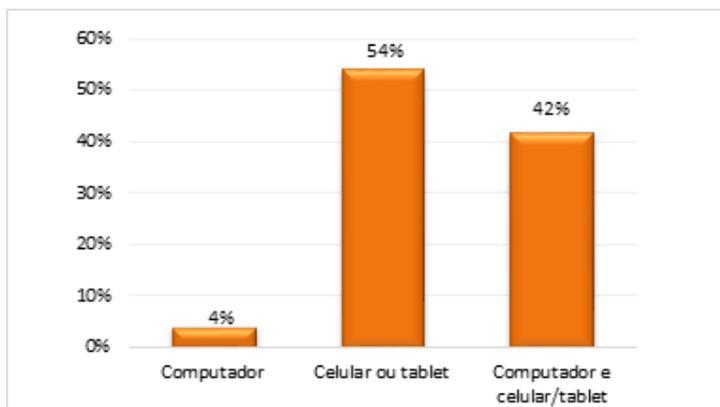
No grupo 1 foram reunidos os 74 discentes que tem conseguido com frequência trocar informações e interagir com outras pessoas utilizando equipamentos com suporte da internet, assim como ligações e mensagens telefônicas.

No grupo 2 foram inseridos os 6 estudantes que não tem conseguido estabelecer, com frequência, uma comunicação digital. Desses, 5 disseram não ter condições financeiras de pagar por um plano de internet e 1 declarou que onde reside não há sinal para conexão.

Um exemplo interessante, neste sentido, aparece no discurso de uma das entrevistadas que, passados alguns dias que não havia respondido o questionário pelo *whats app*, foi contactada por telefone para responder a esta pesquisa. Mencionou que estava de passagem pela cidade onde vivia enquanto cursava a universidade. Ela relatou que com a pandemia ficou difícil pagar aluguel e contas na cidade e que aceitou o trabalho de cuidar de uma fazenda, em uma área remota. Disse que seu marido toda semana vai da fazenda à cidade (à trabalho) e leva o celular (que eles dividem) e assim ela consegue ler as mensagens recebidas, mas não consegue responder praticamente ninguém, já que na fazenda não tem sinal algum.

Os dados revelam que aqueles estudantes que têm conseguido estabelecer uma comunicação por mídias digitais a fazem utilizando principalmente celular e *tablet* (ver Gráfico 1).

**Gráfico 1.** Equipamento utilizado para acesso à internet.

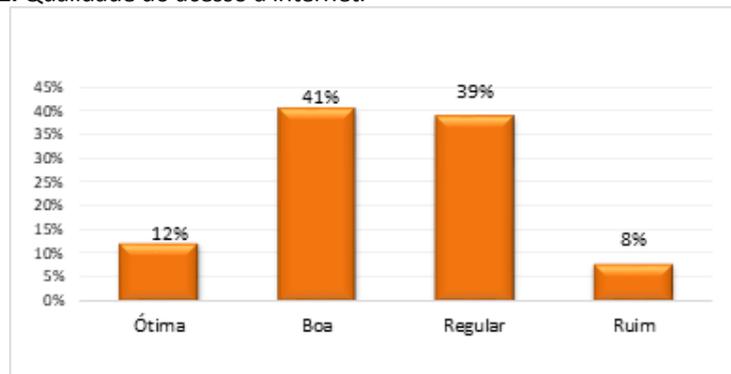


**Fonte:** Pesquisa de campo, 2020.

Outro ponto analisado pela pesquisa consistiu em levantar informações sobre a capacidade dos equipamentos tecnológicos utilizados pelos estudantes para baixar e armazenar arquivos. Dos 81 participantes, 44 disseram que seu equipamento suporta, 25 afirmaram que suporta com limitações e 12 declararam que não conseguem baixar e armazenar arquivos.

Apesar de 93% dos estudantes terem acesso à internet, julgou-se relevante avaliar a qualidade desse acesso. O gráfico 2 mostra a avaliação atribuída pelos estudantes aos serviços de internet que recebem. Vê-se que 53% dos alunos fazem uma avaliação mais positiva da internet (Ótima e Boa), enquanto 47% avaliam negativamente (Regular e Ruim). Estes dados são importantes pois demonstram que não basta simplesmente que o discente tenha o acesso, mas, sobretudo, que a internet seja eficiente para realizar as atividades acadêmicas.

**Gráfico 2.** Qualidade do acesso à internet.



**Fonte:** Pesquisa de campo, 2020.

O questionário também buscou identificar quantos estudantes possuem um computador que esteja em boas condições de funcionamento. Verificou-se que a maioria dos alunos, um total de 41, não possuem computador em casa.

A existência de estudantes que não dispõe de equipamentos ou que possuem, mas com capacidade limitada, assim como a falta de acesso à internet evidencia que, para a implantação de uma educação não presencial, nos tempos da pandemia da Covid-19, é necessário desenvolver políticas de inclusão digital.

Instituições como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN também diagnosticaram o problema da exclusão digital e tem trabalhado no sentido de conceder um auxílio financeiro para que os estudantes comprem pacotes de dados de acesso à internet e possam participar das atividades acadêmicas.<sup>3</sup>

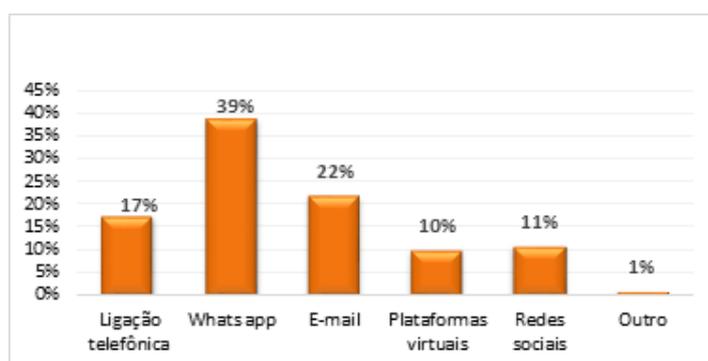
Outro exemplo ocorreu na Universidade Estadual de Campinas/Unicamp, cuja reitoria iniciou em 6 abril de 2020 uma campanha de empréstimo de computadores e tablets para os discentes que não possuem esses equipamentos.

Estas ações de outras universidades podem nos ajudar a pensar em soluções voltadas para a realidade dos discentes de uma universidade que encontra um público heterogêneo, como a UFT. Verifica-se que muitos discentes do curso de Ciências Sociais são de diversas regiões do Tocantins, incluindo estudantes indígenas, quilombolas e demais povos do cerrado.

Para além de um perfil socioeconômico é indispensável pensar nas questões culturais que permeiam os diferentes grupos de estudantes que ocupam a universidade. Nesse caso, é pertinente refletir sobre os relatos de vivências de alunos indígenas, quilombolas, jalapoeiros, com a grande dificuldade da maioria desses grupos em acessar e desenvolver trabalhos por meios tecnológicos digitais.

Em relação às formas de contato, o gráfico 3 sugere que os estudantes se comunicam principalmente por *whats app*, e-mail e ligações telefônicas.

**Gráfico 3.** Formas de contato.



**Fonte:** Pesquisa de campo, 2020.

3 Fonte: <http://sedis.ufrn.br/sedis-e-proae-ufrn-lancam-edital-para-auxilio-de-inclusao-digital-a-estudantes-da-ead/>

Nesta pergunta, a maior parte dos alunos respondeu que o melhor modo de comunicação era pelo *whats app*. No entanto, em alguns casos, para obter as respostas do questionário enviado a todos inicialmente pelo *whatsapp*, foi necessário realizar chamadas telefônicas.

Interessante notar que as plataformas virtuais como *moodle* e *google classroom* foram os meios digitais menos escolhidos pelos alunos. Esta informação coincide com os relatos de problemas para acessar o *moodle* mesmo antes da pandemia que eram narrados por alunos. O *moodle* da UFT parece ser o caso de uma plataforma que precisaria realmente ser aprimorada, ser mais intuitiva e acessível para todos os discentes.

O google sala de aula, por sua vez, apresenta um obstáculo de acesso com contas do e-mail institucional da UFT e precisa estar atrelado a um e-mail do google não institucional. A plataforma a ser escolhida para suportar o ensino a distância precisa ser muito bem pensada até por conta do direito de imagem e reprodução. As adequações dos ensinamentos presenciais para modos remotos necessitam de criar uma regulamentação para o direito de imagem e reprodução.

“Você conseguiria ver vídeos, retomar leituras e fazer fichamentos de textos das disciplinas nesse momento de pandemia?” Nesta questão, inserimos uma pequena observação: “Obs.: a intenção é dar continuidade aos estudos, respeitando suas condições. É importante dizer que tais atividades não valeriam como presença ou nota.” Nesta pergunta 61% alunos responderam que “Sim”, ou seja, conseguiriam retomar os estudos online e 20% afirmaram que “Não”.

A questão aponta para a importância de realizar um mapeamento maior das ações de outras universidades do Brasil para delimitar as possibilidades e soluções até agora factíveis para orientar a proposição de modos consistentes de aprimorar a situação dos discentes da UFT respeitando suas limitações materiais e suas especificidades culturais.

As duas últimas perguntas do questionário foram formuladas de modo aberto e o esforço aqui é tentar sintetizar, mas sem deixar de valorizar as singularidades das respostas. Para analisar as questões foram aplicados os fundamentos da pesquisa qualitativa. Com o propósito de facilitar a compreensão, as respostas foram reunidas em seis grupos: questões econômicas, questões familiares, saúde física e mental, questões relacionadas à UFT e outras.

Os quadros abaixo trazem uma síntese das narrativas subjetivas apresentadas pelos estudantes.

**Quadro 1.** Dificuldades dos discentes durante a pandemia da Covid-19.

<p>Questões Econômicas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Falta de comunicação online</li> <li>* Não ter acesso a computador para estudar</li> <li>* Falta de locomoção</li> <li>* Dificuldades financeiras /contas em atraso</li> <li>* Desemprego</li> <li>* Dificuldade de conciliação das tarefas pessoais e profissionais com as tarefas domésticas</li> <li>* Trabalhar no cenário atual</li> </ul>
<p>Questões familiares</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Saudade e preocupação família</li> <li>* Lidar com sonhos e projetos interrompidos</li> <li>* Conflitos familiares devido ao convívio intenso</li> </ul>

Saúde física e mental	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Cansaço</li> <li>* Ansiedade</li> <li>* Solidão</li> <li>* Frustração por querer se formar em breve</li> <li>* Problemas Psicológicos</li> <li>* Solicitação de apoio psicológico</li> <li>* Lidar com o medo</li> <li>* Distúrbios do sono</li> <li>* Medo de ficar doente</li> <li>* Falta de acesso à medicação</li> </ul>
Questões relacionadas à UFT	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Falta de apoio pedagógico para os estudos</li> <li>* Dificuldades por morar na casa do estudante durante o isolamento.</li> <li>* Não ter acesso ao Restaurante Universitário (RU)</li> </ul>
Outros	<ul style="list-style-type: none"> <li>* Falta de adaptação à quarentena</li> <li>* Lidar com o excesso de informação</li> <li>* Falta de foco e concentração nos estudos</li> <li>* Trabalhar na linha de frente</li> <li>* Falta de rotina</li> <li>* Falta de liberdade</li> </ul>

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2020.

Constata-se que os discentes das Ciências Sociais estão passando por dificuldades variadas. Certamente estes agrupamentos mais do que segmentar, encontram-se interrelacionados.

Em relação às dificuldades econômicas foram apresentados os seguintes relatos:

A maior dificuldade é não conseguir dar continuidade às minhas pesquisas pela falta de computador. Não tenho um próprio e na minha casa não tem *wi-fi*. Pago um plano, mas mesmo assim me limita de estar escrevendo.

A dificuldade maior é financeira, estou sem trabalhar. Ainda estou com acesso à internet, mas, não sei por quanto tempo.

Apesar da recomendação do isolamento social, muitas pessoas continuam trabalhando, o que gera insegurança e medo de contaminação dos familiares, como apontam os relatos:

Estou trabalhando mesmo com a pandemia, a dificuldade está em organizar uma rotina que seja produtiva nos estudos.

Minha maior dificuldade é ter que ser a única pessoa de casa que estar saindo, pois preciso trabalhar pra garantir o sustento dos meus filhos, isso me preocupa pois sei do risco que estou correndo e conseqüentemente ponho os meus em risco também.

Em outro relato relacionado às dificuldades enfrentadas no âmbito familiar, o participante afirma que é trabalhador da área da saúde e, para não colocar a família em risco, deixou os filhos numa fazenda, isolados com os avós.

O excesso de tarefas a cumprir no ambiente da casa seja no trabalho remoto (com prazos e critérios de produtividade) ou no trabalho propriamente doméstico (cuidado com os filhos ou dependentes, acompanhar o *homeschooling*, organização da casa, limpeza, compras, higienização das compras, cozinha, pagamentos, contas, imposto de renda, etc) aliado a abruptas e rápidas mudanças na vida pessoal, profissional e social tem desencadeado quadros psicológicos de estresse, ansiedade, medo, solidão, dentre outros.

O tema da saúde mental apareceu com certa expressividade entre os alunos do curso de Ciências Sociais. Foram inúmeras as queixas de abalo psicológico, angústia, preocupação, insônia, cansaço, sofrimento pelo isolamento, falta de concentração. Abaixo segue o relato de uma discente que traz elementos importantes.

*Tenho muita dificuldade de concentração para ler ou fazer algo que demande esforço mental, pois ando muito preocupada com a situação que nos encontramos, visto que por enquanto, estou longe da minha família. Fico muito preocupada pois na cidade onde eles moram os casos de Covid-19 vem aumentando cada dia mais e os hospitais não tem o suporte necessário para atender um número tão grande de pacientes infectados. Isso me deixa extremamente aflita e ansiosa. Por enquanto eu me esforçaria para tentar fazer atividades, mas caso eu retorne para a minha cidade, como é o previsto, não terei como realizar as atividades pois teria que ajudar minha mãe a cuidar do meu irmão de 2 anos de idade e ajudá-la nas tarefas domésticas. Outro ponto que poderia atrapalhar no meu desempenho seria a falta de privacidade que eu teria na minha casa, por ser muito pequena e ter muita gente no mesmo ambiente (Minha mãe e meus 4 irmãos).*

Este relato sugere que a vida de muitas pessoas está sendo transformada radicalmente pela pandemia. Qual o impacto psicológico de todas estas mudanças, frustrações, crises, lutos?

Aqui vemos a importância de ações institucionais como o Programa Mais Vida da (UFT) que promove o debate e enfrenta desafios da saúde mental na universidade. É necessário pensar em ações do e no campus. Neste sentido Carvalho *et al* (2020) colocam um apontamento fundamental sobre o sofrimento psíquico na universidade.

Em um exercício ainda raro de coautoria no nosso meio, construímos reflexões a quatro vezes, três de professores universitários – Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – e a líder religiosa do candomblé Angola de Belo Horizonte Makota Kidoiale, que é também mestra docente do projeto *Encontro de saberes* da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Paralelo ao tema trágico do suicídio estudantil, propomos uma retomada e uma reformulação dos impulsos de origem das ciências sociais: integrar as disciplinas para superar a fragmentação epistêmica atual, e tratar a instituição acadêmica não apenas como ambiente autoimune no âmbito do qual se descreve e se analisa o sofrimento mental da sociedade, mas como um dos espaços sociais onde ele é hoje produzido com maior intensidade e onde precisa ser transformado para retornar a uma maior (CARVALHO *et al*, 2020 p.136).

No grupo que respondeu referente às questões da própria universidade encontramos a cobrança por atividades acadêmicas online, assim como a reivindicação por apoio pedagógico durante a pandemia. Observou-se também que há estudantes que gostariam de retomar os estudos.

Este aspecto revela como os agrupamentos aqui sistematizados consistem em uma gama de dificuldades que impactam as condições dignas de estudo e de saúde mental discente durante a pandemia. Além disto, há uma grande frustração expressa por alguns discentes pela descontinuidade das atividades, aulas, estudo dos conteúdos e bibliografias do curso superior escolhido. Nas palavras de um dos entrevistados, é “ter os sonhos interrompidos”.

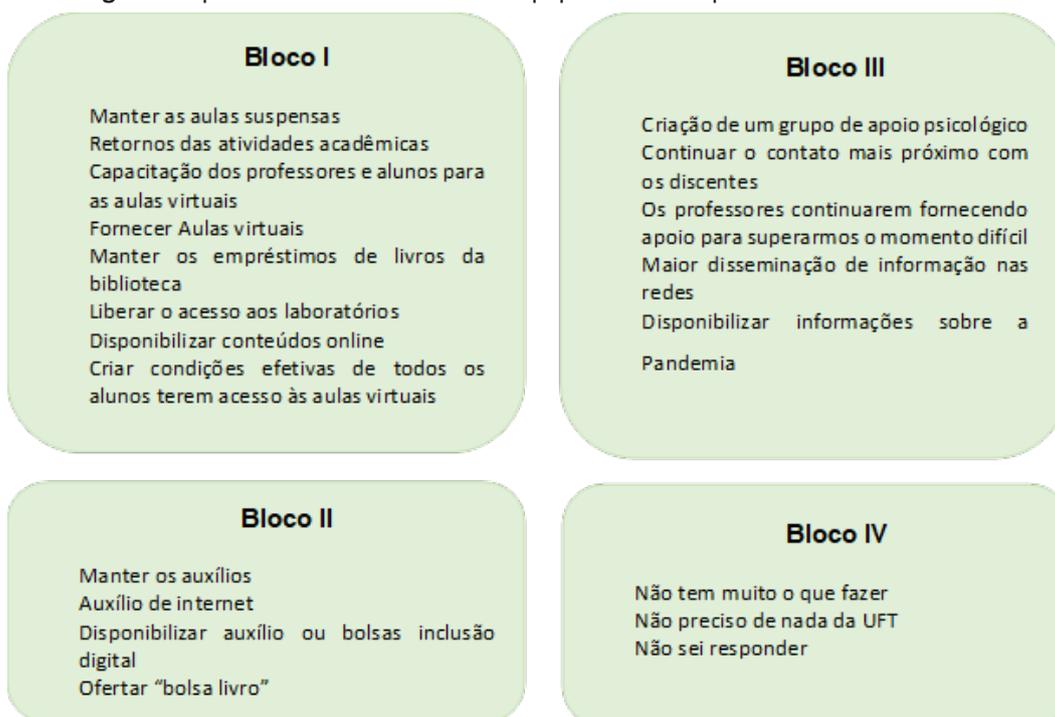
Além do pouco tempo para se dedicar aos seus interesses e projetos, o confinamento compulsório apresenta aos estudantes o desafio de adaptar-se a uma alteração/restrrição completa da rotina, da liberdade, de locomoção.

Foram observados relatos de estudantes que vivem na moradia estudantil no Campus e que, sobretudo estão passando a quarentena confinados lá. O campus da UFT de Porto Nacional está localizado em um setor afastado da cidade, completamente cercado de cerrado por todos os lados, sem nenhum comércio próximo. A alimentação destes alunos da moradia durante o ano letivo regular era assegurada pelo Restaurante Universitário (RU) do Campus, serviço que foi totalmente interrompido pelo quadro epidêmico. Um morador da casa do estudante relatou sua maior dificuldade que se relaciona ao fato da universidade ser também sua moradia.

*A maior dificuldade é permanecer com sanidade mental no “Carandiru”, também conhecido como casa do estudante. Há uma grande dificuldade com a alimentação (falta de geladeira, não temos acesso ao Restaurante Universitário). Há também dificuldade em obter medicação controlada.*

A última pergunta do questionário talvez tenha sido aquela que mais surpreendeu os alunos e alunas: “O que a UFT pode fazer por você nessa pandemia?”

**Figura 2.** Opinião dos estudantes sobre o papel da UFT na pandemia da Covid-19.



**Fonte:** Pesquisa de campo, 2020.

Nesta questão as respostas foram agrupadas em quatro blocos. Os pontos apresentados pelos estudantes instigam alternativas para se pensar a universidade num contexto de emergência.

O Bloco I aponta que não há unanimidade entre estudantes quanto ao retorno às atividades acadêmicas, mesmo que de modo não-presencial. Outra solicitação interessante que partiu de alguns discentes diz respeito ao aporte acadêmico que a UFT poderia fornecer, tais como capacitação de professores e alunos para um sistema de aulas online, com interação e disponibilização de conteúdos das disciplinas e atividades curriculares, com planejamento bibliográfico.

Muitas sugestões seguem a direção da importância de um aporte material por parte da universidade (manutenção e criação de auxílios, bolsas, política de inclusão digital, empréstimos de livros da biblioteca).

Foi sugerido que a UFT crie condições para que todos os alunos tenham acesso às aulas online, sem excluir ninguém. Alguns alunos, inclusive, chegaram a propor que as atividades e aulas presenciais retornassem ou que os laboratórios da universidade pudessem ser acessados (mesmo contrariando as orientações da Organização Mundial de Saúde - OMS - nos casos de pandemia).

O Bloco II traz sugestões dos alunos em relação ao aporte psicológico. Foi sugerida a criação de um grupo de apoio psicológico especializado, assim como ações como a maior interação dos alunos e os professores.

Outro conjunto de vozes que ganhou ressonância foi dos que cobraram maior aporte de informação e debate sobre a pandemia, que a UFT pudesse esclarecer esta enorme crise na saúde, na sociedade, na economia, fornecendo mais produção de conhecimento sobre este momento de calamidade.

Tiveram ainda discentes que afirmaram que a universidade já está fazendo o que é necessário, e ainda outros afirmam que não precisam de nada da UFT. Nos surpreendeu o grande número de discentes que responderam “não sei” a esta pergunta.

Pela heterogeneidade das respostas narradas pelos discentes percebe-se o quanto complexa é a formulação de ações institucionais que consigam sanar os efeitos da epidemia<sup>4</sup>.

## Considerações Finais

As análises apresentadas nos sugerem que os principais pontos a serem considerados quando a intenção é implantar um novo modelo de ensino, que não seja exclusivamente presencial, numa graduação em que os estudantes têm baixas condições socioeconômicas são: inclusão digital dos estudantes e qualificação dos professores.

Os resultados apontam para uma reflexão que vai além desses dois pontos. O aspecto material da inclusão digital dos alunos, isto é, a obtenção de equipamentos digitais não é o único componente importante a ser considerado. As narrativas dos estudantes chamam atenção para aspectos ligados às condições desfavoráveis para os estudos, seja pela luta pela sobrevivência e pela renda, seja por dificuldades de adaptação e concentração, e até mesmo pelo desconforto de estar confinado com muitas pessoas.

É preciso conhecer as características individuais dos estudantes e desenvolver propostas metodológicas de ensino que incluam a todos, mesmo que para isso sejam adotadas diferentes estratégias. Vivemos tempos “anormais”, mas precisamos nos adaptar à nova realidade. Tudo isso envolve trilhar um novo caminho, que perpassa pelo respeito às individualidades e saber lidar com as diferenças.

A UFT é uma universidade composta por indígenas, quilombolas e habitantes de municípios rurais. A implementação de um ensino remoto emergencial deve levar em conta a diversidade cultural, linguística e psicológica de seus estudantes. Por isso, incluir os discentes que estão isolados em suas aldeias indígenas ou comunidades quilombolas e/ou rurais, onde não tem sinal de internet, é um desafio.

---

4 Após a realização da pesquisa, e durante a redação deste artigo, a UFT promoveu ações em busca de superar os desafios impostos ao ensino remoto emergencial. Em 18 de Agosto de 2020 a Pró-reitoria de Assuntos Estudantis divulgou a abertura de um edital para Inclusão Digital dos estudantes, tanto para aquisição de equipamento que permita acesso à internet, quanto para aquisição de pacotes de dados de internet. Em 15 de Setembro a Pró-reitoria de graduação divulgou um edital para Monitoria em Tecnologias Digitais.

Mesmo que a universidade ofereça a assistência necessária para que os estudantes tenham computadores com acesso à internet de qualidade, não garante que o estudante consiga realizar leituras, produzir textos, fazer provas, entre outras atividades acadêmicas. Então, como garantir condições adequadas de estudo para estes alunos não olhando somente a natureza material do problema? Como seria a sala de aula possível em tempos de isolamento social? Essas são questões que instigam o desenvolvimento de novos estudos.

Apesar de não ser o foco dessa pesquisa sugerem-se estudos que tragam a perspectiva do trabalho “em casa” para os professores. Estes tiveram formação e prática de ensino presencial e com a Covid-19 enfrentam desafios que afetam principalmente a saúde mental.

Carvalho *et al* (2020) sugerem que a universidade pública deve ser capaz de incorporar na sua agenda política a importância de formular um “quadro multi epistêmico” e que este seja um caminho que faça convergir a inovação pedagógica com a inovação tecnológica.

Enfim, a educação precisa explorar novas potencialidades, ampliando o diálogo sobre metodologias alternativas de aprendizagem. Esse é o caminho para um ensino democrático e inclusivo.

## Referências

BABBIE, E. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BACICH, L. 2020. **Ensino híbrido**: muito mais que unir aulas presenciais e remotas. Disponível em: <https://lilianbacich.com/2020/06/06/ensino-hibrido-muito-mais-do-que-unir-aulas-presenciais-e-remotas/> Acesso em: 04 ago 2020.

BERARDI, F; TOUTONIAN, L. **O vírus opera uma mudança de campo da esfera biológica a psíquica avalia Franco “Bifo” Berardi**. Instituto Humanitas Unisinos. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/602879-o-virus-opera-uma-mudanca-de-campo-da-esfera-biologica-a-psiquica-avalia-franco-bifo-berardi>. Acesso em: 18 set 2020.

BRASIL. **Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19. Brasília, p. 62, 17 jun 2020.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Página. Art. 205.

CARVALHO, J. J.; KIDOIALE, M; CARVALHO, E. N.; COSTA, S. L. **Sofrimento psíquico na universidade, psicossociologia e encontro de saberes**. Revista Sociedade e Estado. Volume 35, n 1, janeiro/abril 2020, 135-162.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLETO, M.; CLETO, E. **Levantamento quali-quantitativo do Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins**. 2017. (Relatório de pesquisa).

CHRISTENSEN, C.; HORN, M.; STAKER, H. **Ensino híbrido**: uma inovação disruptiva? Disruptive innovation, 2013.

DEMO, P. **Aprendizagens e novas tecnologias**. Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física, v. 1, n.1, 2009, p.53-75.

DEMO, P. **Aprender com suporte digital**. Revista Multidisciplinar Humanidades e Tecnologias, v. 25, 2020, p. 10-93.

HARAWAY, D. **Manifesto Ciborgue**: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In. Tadeu, T. (Org.) Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Pp 33-118.

HODGES, C.; MOORE, S.; LOCKEE, B; TRUST, T; BOND, A. **The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning**. Educasereview, 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning#fn1> Acesso em: 04 ago 2020.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999;

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Covid-19 no Brasil**. Disponível em: <http://susanalitico.saude.gov.br/#/dashboard/> Acesso em: 6 jul 2020.

MORAN, J. **Metodologias ativas e modelos híbridos na educação**. In: Novas tecnologias digitais: reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento. Curitiba: CRV, 2017, p. 23-35.

OLIVEIRA, B.; GUIMARÃES, L. J.; SANTANA, T. N. P. **O caminho para a redução da evasão de estudantes nas instituições de ensino superior**. Revista Humanidades e Inovação, v.6, n.18, 2019, p. 155-164.

PENROD, J.; PRESTON, D.B., CAIN, R. & STARKS, M.T. **A discussion of chain referral as a method of sampling hard-to-reach populations**. Journal of transcultural nursing, vol 4. nº 2, April, 2003. 100-107p.

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes**: resistir à barbárie que se aproxima. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TOMAZINHO, P. **Ensino Remoto Emergencial**: a oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e se reinventar. Disponível em: <https://tomazinho.com.br/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-da-escola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar/>. Acesso em: 04 ago 2020.

UJVARI, S. C. **A história e suas epidemias**. A convivência do homem com os microrganismos. Rio de Janeiro, Senac Rio; 2003.

WRUBEL, G.; LEONARDI, J.; FERNANDES, K. N.; CAICHE, L. L. **As possibilidades do ensino híbrido na construção de integrações mais democráticas e significativas em sala de aula**. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, n. 20, 2017.

Recebido em 29 de setembro de 2020.

Aceito em 13 de outubro de 2021.